



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Quinzenário • Fundador: Padre Américo
Director: Padre João Rosa
Director-Adjunto: Américo M. S. Carvalho Mendes

19 de Junho de 2010 • Ano LXVII • N.º 1729
Preço: € 0,33 (IVA incluído)
Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO

Redacção, Administração, Oficinas Gráficas: Casa do Gaiato • 4560-373 Paço de Sousa
Tel. 255752285 • Fax 255753799 • E-mail: obradarua@iol.pt
Cont. 500788898 • Reg. D. G. C. S. 100398 • Depósito Legal 1239

Issa Baio

É um menino de seis anos, guineense, que sofria de doença cardíaca congénita e foi trazido ao Porto para uma cirurgia realizada no Hospital de S. João. Este tem sido, e é, porta aberta para casos como este. E em Bissau é a O.N.G. AIDA que os coordena e prepara a vinda dos pequeninos doentes. Aqui, como rectaguarda aos cuidados hospitalares, estávamos nós para os rapazes e uma Obra irmã para as raparigas. Tudo bem relativamente a este horizonte de recuperação médica. E depois, não há mais horizontes?!

Está aqui a nossa profunda decepção diante da organização não governamental que começa por querer bem e fazer bem às crianças como o Issa e considera sua missão cumprida na meta alcançada, em vez de interrogar-se: — E agora, como dar-lhes condições para continuarem dignamente a vida que ajudámos a salvar do risco imediato?... Ou abandonamo-las a um risco futuro de serem elas (os e as Issa's de hoje) a pôr em dúvida a valia do bem que agora lhes foi feito?...

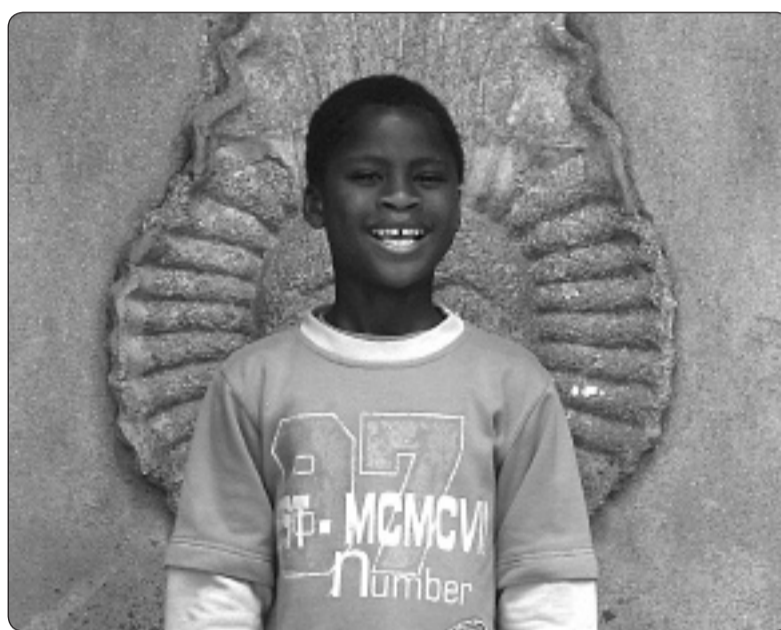
O Issa foi para Paço de Sousa

quando surgiu a primeira *alta* médica. Integrou-se facilmente, tanto na Comunidade como na Escola, onde fez bons progressos na aprendizagem da língua e onde deixou boa memória pela inteligência revelada e pela sua simpatia e personalidade algo madura para a idade. Ia agora fazer a matrícula oficial, já que completa sete anos no próximo Setembro.

Entretanto e através da O.N.G. chegou-nos a notícia:

«Acerca do Issa Baio, os seus familiares querem que fique no Porto até quando estiver grande. Para nós o ideal seria regressar ao País e depois solicitar um visto de estudo, para não nos criar problemas com a Embaixada de Portugal, e com visto regressava ao Porto, para fazer os seus estudos».

Logo contactámos o Serviço de Estrangeiros, sector público que nunca nos levantou dificuldades, até porque, para nossa sensibilidade de portugueses, a estes cidadãos de países lusófonos os não vemos nem sentimos como estrangeiros. Já que o pequeno estava cá e muito conveniente era vigilância continuada, bastaria juntar ao documento médico, outro dos pais, a confirmar a sua vontade expressa na notícia atrás



referida, transmitida pela funcionária em Bissau da O.N.G. espanhola.

A esta fizemos saber o estado da questão e a violência que seria para a criança «fazer dela bola de ping-pong jogada entre Portugal e a Guiné», agora que o Issa estava perfeitamente adaptado cá e gozando de um nível de vida que lá, decerto, não será possível, uma vez que seus pais são pobres e surdos-mudos. Todos os problemas de ordem diplomática nós os assumiríamos.

As O.N.G., na sua generalidade, não são rectaguarda familiar. Em Angola tive a experiência de organizações que eram impérios com mundos de pessoal e suas frotas de aviões e de carros que circulavam de mastro e bandeirinha ao vento como de generais em dia de solene parada militar. A desproporção entre o custo destas organizações e o valor dos bens que chegavam aos pobres destinatários que eram o seu motivo, era escandalosa. O Papa põe o dedo nesta ferida na encíclica «Caridade na Verdade».

Eu julgo, até, que organizações desta dimensão pertencem já ao passado. Mas restam ainda muitas em que muita gente se governa em nome dos Pobres. Rectaguarda familiar é outra coisa: é linha defensiva, última a render-se às investidas de adversidades e interrogações que a vida sempre traz a todos, nomeadamente às crianças e mais a estas de um País que ainda não achou o seu rumo e não tem respostas para lhes oferecer.

Para já, por sobre o ideal para o menino, prevaleceu «o ideal para nós» (O.N.G.) que é «não criar problemas com a Embaixada de Portugal». Antes que tivéssemos acesso ao tal documento dos pais, declarando a sua vontade de que o filho ficasse «até quando for grande», apareceu-nos outro funcionário da O.N.G. com documento deles dizendo exactamente o contrário: que queriam o filho na Guiné.

O Issa foi. Mas antes deixou-nos a promessa de que, assim como do terraço da sua casa em Paço de Sousa, todas as noites, antes de dormir, olhando as estrelas, lembrava os do seu sangue, também da Guiné, olhando as estrelas, todas as noites há-de lembrar os de cá.

Padre Carlos

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Padre Acílio

SEI já, com alguma experiência, que o fundo do saco está nas mãos de Deus, o qual é o único que toca os corações. Só n'Ele, confio e espero.

Têm sido tantos os casos de extrema pobreza presenciados, os quais, por tão elevado número, não só me ultrapassam como me assustam.

A miséria, nesta cidade de Setúbal, é aterradora. Não se lhe vê o fim!... É que não há trabalho!... As pessoas não têm onde ganhar!...

Um casalinho novo apareceu aqui e esperou por mim, o dia inteiro. Quando cheguei, disse-lhes que não os podia atender. Com duas crianças pequeninas, um menino e uma menina, foram-se embora, a pé, noite fechada.

Passados dias voltaram. *Salve-nos!* — gritaram desesperadamente. Sem poder, lá os escutei.

A EDP tinha-lhes cortado a luz. Ele, há mais de um ano que está desempregado. Ainda trabalhou, mês e meio para alguém que não lhe pagou e o desânimo caiu sobre eles. Arranjou, agora, trabalho, mas as despesas não pararam. Ela faz um curso profissional e recebe, mensalmente, 200 euros, por mês.

— *Nunca nos vimos assim!* — Choravam ambos com os filhos ao colo. — *Comprámos a nossa casinha e vamos ficar sem ela!... Olhe que dormimos no chão num colchão de corpo e meio!...*

Saquei do papel e fui à EDP, mas, qual quê? Aquela empresa pobrezinha (!) já não enfrenta estas situações. — *Pagar já não é aqui* — disse-me a funcionária. — *É nesta e naquela papelaria.* Sim, a gente já não tem onde chorar, implorando alguma clemência.

Que tem a papelaria, a ver, com o corte da corrente? Sim, que tem? Ela recebe, se pagarmos e mais nada. A EDP, com tantos lucros e o seu maioral com tão escandalosos prémios!... Porventura, são a água, o vento e o sol, bens comuns e gratuitos?

Não entendo que a energia seja dada, mas acho muito mal, que não se tenha a quem recorrer, em situações tão gravosas, como esta.

Continua na página 4

MENOS TÉCNICA E MAIS AMOR

Padre João

UM ano lectivo está a terminar. Para muitos jovens significa mais uma etapa de formação para a vida. Para alguns — não poucos — um «amargo de boca» tanto pelos resultados obtidos como pelas fracas expectativas de futuro. Esta última razão bem mais amarga... atingindo também os que com eles vivem mais próximos. O desemprego está aí com índices assustadores deixando pais e educadores mergulhados num clima de perplexidade. Por outro lado o amadurecimento dos nossos jovens é um ideal cada vez mais adiado já que a dependência da família por longo tempo é um facto ineludível. Os jovens que têm a sorte de pertencer a uma boa família, estruturada e sólida; com valores, aguentam-se. Mas uma grande percentagem torna-se presa fácil de miragens e acabam por sucumbir precipitando-se no abismo.

As nossas escolas são um barómetro das nossas famílias e do nosso viver social. Quão importante é a atenção ao desenvolvimento da sua actividade; uma solicitude que devia ser partilhada de forma transversal por toda a sociedade, cabendo ao

Estado, enquanto regulador, estabelecer as mais variadas parcerias com as Associações de Pais e professores numa linha de responsabilidade e subsidiariedade.

Há dias veio parar à nossa caixa postal um belíssimo artigo de opinião de um jovem professor, com a recomendação de que fosse divulgado por se tratar: «de um sentido cristão no ensino»... E acrescentava: «fazem falta professores "apaixonados"». Assim mesmo! O referido professor, depois de fazer um diagnóstico equilibrado e real do dia-a-dia escolar, sem ignorar dificuldades nem escamotear a realidade, ele mesmo se apresenta como «peça» do sistema: «Sou professor e confesso que estou apaixonado pela minha profissão...» Estamos em crer, obviamente, que não está isolado nesta «paixão». É importante dizê-lo.

Esta «paixão» comporta um vínculo implicativo: viver com afã o seu trabalho, com espírito de serviço e de entrega. É esse vínculo que gera crédito e satisfação. Não está isenta de riscos e de incompreensões, uma tal postura, como o próprio reconhece: «cativar os alunos é um desafio árduo

com responsabilidades acrescidas...» É a denúncia do facilitismo reinante contraposto ao envolvimento carregado de autenticidade e permanentemente, inventivo e coincidente: «no que dizemos e fazemos».

Uma tal compreensão vai para além da competência profissional: tida como pressuposto indispensável, ultrapassa-a para se «espraia» na gratuidade e no dom de si mesmo: «Não é de carinho, afecto e atenção que eles precisam em primeiro lugar?» E mais adiante: «A maioria não vai procurar soluções para os problemas da matemática e da filosofia, mas as dos seus problemas».

Bem se pode aqui invocar o Padre Américo, grande vulto da educação, no século XX: «menos técnica e mais amor». Não falta quem pense, embora de forma velada ou inconsciente, como ele. O que se torna verdadeiramente interpelante é que, a tantos anos da sua partida deste mundo as suas palavras e escritos não tenham perdido actualidade. Mais: pena é não serem mais estudados e incluídos nos currículos formativos dos novos professores. Teríamos melhores escolas, melhores alunos, óptimos professores. □

CONFERÊNCIA DE PAÇO DE SOUSA

Américo Mendes

NEM SÓ DE PÃO VIVE O HOMEM — Como não podia deixar de ser, a actividade das nossas conferências (dentro de dias deixaremos de falar no plural porque as Conferências Feminina e Masculina passarão a ser uma só) não se reduz a distribuir, por quem nos parece mais necessitado, as ajudas materiais que vamos angariando dos nossos leitores e doutras fontes. Quantas vezes dizemos não, com veemência, a quem nos chega com esse tipo de pedido, ou o interrompemos a quem nos parece que dele já não necessita, correndo o risco de sermos atacados e incompreendidos por assim procedermos.

Isto serve de introdução para dizer que as situações mais complicadas que actualmente temos em mãos, à semelhança do que já nos tem acontecido noutras alturas, são aquelas onde, sem prejuízo de alguma necessidade de apoio material pontual, o que é mais preciso é uma intervenção no sentido de levar as pessoas em questão a modificarem os seus comportamentos. Não vamos entrar aqui em mais pormenores para não correremos o risco de sermos indiscretos, mas podemos exemplificar algumas situações desse tipo. Há casos onde a ajuda material serve essencialmente de incentivo para levar a pessoa beneficiada a acrescentar do seu bolso, ou com o seu trabalho, o que falta para resolver o problema em questão. Há outros casos onde isto já não é o mais adequado, indo o nosso esforço no sentido de usar os recursos de que dispomos para levar as pessoas a mudarem os seus hábitos de vida diários e as suas condições de habitabilidade de modo a saírem de um estado de degradação pessoal cada vez pior. Nalguns casos conseguimos alguns resultados. Noutros casos está a ser muito difícil, mas continuamos a tentar. Como diz o Evangelho, “Nem só de pão vive o homem, mas de toda a palavra que sai da boca de Deus” (Mt 4, 1-11), sendo que Deus nos diz que para que Ele nos ajude, temos que fazer a parte que nos toca.

O nosso endereço: *Conferência de Paço de Sousa, ao cuidado do Jornal O GAIATO, 4560-373 Paço de Sousa.* □

LAR DO PORTO

Casal vicentino

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS — Voltamos à vossa presença para dar testemunho das nossas visitas aos irmãos mais necessitados.

Há uns tempos atrás, escrevemos sobre uma família (tia e sobrinho) que viviam num quarto que servia de cozinha e casa-de-banho, estava em péssimas condições e que esta situação se arrastava há alguns anos. Finalmente, e porque a senhora adoeceu e esteve internada muito tempo, foi colocada num Lar, em Gondomar. Quanto ao sobrinho, foi para uma pensão, até lhe arranjar uma casa.

Já lhe fizemos uma visita, ficou toda contente, dizendo que não lhe falta nada; lamentando somente o tempo em que viveu sem o mínimo de condições — e que neste momento está no paraíso.

Amigos leitores, nós, confrades, estamos sempre a receber lições de amor e esta mulher foi uma delas. Apesar da sua condição social, sempre nos recebeu com amor e muita alegria, aguardando, com ansiedade, o dia em que os seus constantes pedidos lhe seriam concedidos. Não foi uma casa, mas um Lar, onde pode viver e conviver com outros utentes que também já estiveram nas mesmas condições — mas que agora têm um espaço limpo onde podem respirar frescura e tranquilidade.

Transcrevemos uma carta que Pai Américo editou no seu livro *O Barredo*, de um amigo «tripeiro», que merece a nossa reflexão:

«Quem tiver olhos que veja e quem tiver ouvidos que oiça, está nas Escrituras sagradas, mas o Mundo, com M grande, continua surdo e cego à única doutrina que o poderia salvar; e espera remédio de onde ele nunca poderá vir: dos homens.

Vai, entretanto, V. prosseguindo a sua Obra cheia de espinhos, sem desfalecimento nem paragem. E com ela vai deixando, à sua volta, uma boa semente que não há-de nunca perder-se — e há-de dar os frutos mais belos que olhos humanos podem contemplar, que são a produzida pela Caridade — tal como V. difunde pelos mais humildes, pelos mais desgraçados e mais desprotegidos da sorte.

Tenho lido — e comigo, os da minha família — o seu ‘Barredo’, que é pintura fiel, mas resumida, do nosso Barredo. Deixe-me chamar-lhe bem pelo seu nome; o nosso Barredo, que ele é bem nosso, inteirinho, com toda a sua terrível fisionomia. Pertence-nos. Pertence a todos nós que o consentimos, que o toleramos, que o permitimos, fechando os olhos para o não vermos na sua verdadeira hediondez, fingindo ignorá-lo; uns, por comodidade; outros, por cautela...

Pobres sempre os houve — disse Jesus Cristo. Mas isto não é pobreza, é muito mais que isso, é a desgraça, mais pungente e mais horrível, ao nosso lado, enquanto os nossos filhos vivem bem agasalhados do frio e da chuva, sob os tectos das nossas casas.

Que venham ver, todos esses Filósofos e Pensadores, a Igualdade e a Fraternidade Humana no que deram as suas doutrinas, ou por outra, que remédio trouxeram à Miséria, através de tanto progresso, de tanta luz, tanta ciência, tanta igualdade!

Ah, o pobre!, o malfadado orgulho humano que não quer ver que a vaidade nunca enxugou uma lágrima, enquanto toda a dor cabe à-vontade e pode desafogar-se num simples Pai-Nosso.»

OFERTAS — José Carvalho, 50 euros. Maria Inês, idem. Amigo Amilcar, o seu donativo. Maria Alice, vinte euros. Assinante 72966, igual quantia. Vale postal, 25 euros.

Agradecemos os vossos donativos, sem eles não podemos socorrer os nossos irmãos. Bem-haja a todos.

Conferência de S. Francisco de Assis — Rua D. João IV, 682 — 4000-299 Porto. □

Pelas CASAS DO GAIATO

PAÇO DE SOUSA

Alberto («Resende»)

DESPORTO — Tínhamos dito na quinzena passada, de que os Rapazes do Sporting de Braga foram impecáveis; que nos deram «isto» e «aquilo». E foi verdade!

Desta vez, recebemos os Juniores do Custóias F. C. e foram impecabilíssimos. Não nos deram «isto» e «aquilo», mas como nem só quem dá é que é amigo... assim como, nem só quem diz sim a tudo, é que nos quer bem. Muitas vezes, é o contrário. «Tem-se escutado aos ignorantes um reparo muito severo à nossa organização com estas palavras textuais: “Fulano diz ser muito amigo dos Rapazes mas obriga-os a trabalhar”». Ai se assim não fosse! Teria sido, porventura, Pai Américo, mais amigo se assim não fizesse?! Não. Claro que não! «...a razão da minha amizade por estes Rapazes consiste em levá-los mansamente ao gosto pelo trabalho...». Ora aqui está! Para fazer de cada Rapaz um homem, Pai Américo, não disse que sim, com quem vinha mal habituado!

Os Rapazes de Custóias e seus dirigentes, fizeram questão de visitar

a Aldeia. Começámos pela piscina e acabámos na Capela. Os últimos são os primeiros.

Mais um grupo de Amigos que saiu daqui admirado com tudo que viu e ouviu. Na hora da despedida, o responsável, por sinal um Rapaz novo, fez-nos o convite para irmos jogar à Academia de Custóias. Agradecemos e agora ficamos à espera desse dia. Ele chega...!

No que diz respeito ao jogo, tudo correu bem. Depois do desaire com o Braga, por nossa culpa, desta vez, conseguimos manter a calma e o discernimento, bem como o esquema por nós montado, até cinco minutos do fim, altura em que sofremos o único golo obtido pelo adversário — por causa da brincadeira... Não foi à...?!

Pela parte que nos toca, Ricardo Sérgio, marcou o nosso primeiro golo — e que golo!, que chapéu! Depois, Agostinho, que jogou a titular e estava em dia sim — o banco é remédio santo — encarregou-se de marcar os outros dois. Podíamos ter feito mais, mas como dos fracos não

reza a história, nada mau! 3-1 aos primeiros classificados da série 7 — II Fase, da A. F. Porto.

Neste jogo, ficou provado cabalmente, de que só faz falta quem está, e também serviu para demonstrar quem realmente tem espírito de sacrifício, como foi o caso do António Pedro, que foi chamado para guardar as redes, e que fez uma exibição de luxo. Um jogador quando gosta daquilo que faz, do seu Grupo Desportivo, de si próprio e dos colegas, joga onde for preciso.

Uma semana depois, realizamos um jogo/treino com os Rapazes e Professores da Escola Secundária de Penafiel n.º 1. Tudo correu com a maior normalidade. No final do encontro, para além de se ter registado uma vitória folgada a nossa favor, foi-nos oferecida uma merenda/ajantarada, servida no nosso refeitório, com a presença do nosso Padre Júlio, todos os Rapazes da Casa, alunos e professores que fizeram parte da comitiva. Um convívio, onde não faltou nada.

Por tudo e a todos, o nosso bem-haja. □

MIRANDA DO CORVO

Alunos do Alternativo

AGRO-PECUÁRIA — Com a proximidade do Verão, mesmo assim ainda houve alguma chuva. A milharada tem crescido bem. No campo de milho grão, mesmo com herbicida e alguns espantalhos, a cultura está fraca. O batatal está bonito, para já; tem-se regado e aplicou-se fungicida, para o mildio. O cebolo foi sachado.

CONCERTOS — Os motores das câmaras frigoríficas têm dado problemas e exigido arranjos, para que os alimentos não se estraguem. Começaram-se a pintar algumas paredes interiores de divisões da nossa Casa, tendo início na copa e cozinha, a que se seguirão outras. De facto, com a humidade, estavam a ficar feias.

RECONHECIMENTO — O Município de Miranda do Corvo atribuiu à nossa Casa do Gaiato, a 1 de Junho, em sessão solene, uma placa com um *voto de louvor*, pelo “*excelente trabalho desenvolvido em prol da educação e acolhimento de crianças*”, nos seus 70 anos. Nós agradecemos, bem como a cedência de transportes, em momentos festivos! Existimos para os Pobres e precisamos de trabalhar mais...

CATEQUESE — Na nossa Casa do Gaiato, a Catequese tem sido às quartas-feiras, pelas 19.30h. Os Rapazes estão divididos em dois grupos: pequenos e médios. As Catequistas são a Madalena, a Mafalda, a D. Cecília e a Prof.ª Helena. Precisamos de nos portar bem nesta hora, para escutarmos as suas palavras, da Palavra de Deus.

DOCUMENTOS — O Amadú, o Cristiano e o Natanael já têm os seus títulos de residência renovados. Com os passaportes em dia, os guineenses precisam deste documento em ordem. Dois deles foram entregues, a 1 de Junho, na Escola Alice Gouveia, em Coimbra, com a presença da Sr.ª Secretária de Estado e tratado pelo SEF (Serviço de Estrangeiros e Fronteiras).

BRINCAR — Nos intervalos da Escola do 1.º Ciclo e nas horas de recreio, depois das aulas, do estudo e das obrigações, os mais pequenos gostam de brincar no parque e de jogar às escondidas. Os outros jogam futebol no campo de ténis e no campo grande.

VISITAS — Várias Escolas e grupos de Catequese têm-nos visitado, para ver as nossas instalações, estar connosco, fazer e apresentar os seus trabalhos de grupo, e partilhar. Procuramos receber bem os nossos Amigos. Os iogurtes dos Amigos de Vila do Conde têm sido preciosos. Muito obrigado a todos!

MÊS DE MARIA — Rezar é difícil e exige concentração. Nós precisamos, até porque muitas pessoas nos pedem orações. A 31 de Maio, alguns Rapazes, com o nosso Padre Manuel e o Prof. Paulo foram à grande procissão, na cidade do Porto, pois desafiaram-nos. O Joel entregou, pela mão do Sr. Padre José Nuno (organizador), um lenço branco ao Sr. Bispo; que, depois, nos recebeu na Casa Episcopal. □

DA CORRESPONDÊNCIA DOS LEITORES

«Gostaria de pagar, com o mesmo cheque, caso seja possível, as assinaturas do Jornal, durante os próximos três anos, para dois familiares... O João Manuel é meu sobrinho, a quem desejo passar o meu testemunho de velha admiradora da Obra do Pai Américo, que conheci pessoalmente... A sua sensibilidade faz-me crer que será meu continuador...»

Assinante 1160

«Muito obrigado por me proporcionar, através d'O GAIATO e ao lê-lo de fio a pavio, ser uma pessoa mais solidária, com maior sentido do Outro.»

Assinante 30945

«Por mim e por minha esposa, queremos agradecer-lhes a recepção

regular d'O GAIATO, que constantemente nos lembra como tem sido fácil a nossa vida, à vista das que quinquenalmente nos entram em casa, por vossa mão, incluindo as dos que desde jovens se entregaram à Obra da Rua, no seguimento de Pai Américo e da sua pedagogia inovadora e adequada àqueles que ele ali abordava e recolhia na sua/vossa Casa. Muito obrigado pelos vossos testemunhos e pelos daqueles a quem dedicais a vida.»

Assinante 47268

«Pedindo a Deus todas as bênçãos e ajudas para a vossa meritória Obra, venho cumprir a minha obrigação, de há já muitos anos, para com O GAIATO, que leio de ponta a ponta e cuja leitura me faz tão bem

à alma e é uma lição de vida, para a minha já longa existência...»

Assinante 29761

«Sou natural do Porto, cidade onde pela primeira vez soube da existência da Casa do Gaiato, Obra que sempre admirei. Agora, volvidos tantos anos, tive a honra de conhecer um antigo gaiato que me ‘lembrou’ que é possível ajudar os que fazem bem, basta querer. Assim, segue uma pequena ajuda. Já recebi o primeiro O GAIATO e, realmente, o tamanho não importa, mas, sim, o conteúdo. Um bem-haja para todos pelo vosso trabalho e dedicação.»

Assinante 81324



PÃO DE VIDA

Padre Manuel Mendes

Separando

HÁ cem anos, com a tensão hanti-eclesial, foi dito que, *no arco de duas gerações, a religião terminaria em Portugal*. Embora necessária a separação do Estado, foi muito dolorosa, pelas medidas persecutórias.

Ao cismarmos nesta questão, no nosso ofício, por causa dos Pobres, temo-nos confrontado, em sede própria, com Juizes e Procuradores. No testemunho, não podemos deixar de afirmar as nossas convicções profundas.

No acolhimento e cuidado dos Pobres, é por demais evidente que, na sociedade, não pode ser escamoteada a presença cristã. A Igreja nunca se alheou desta proximidade, com paixão pelos frágeis, que são um tesouro precioso. É um lugar fundamental e próprio, por excelência, da sua acção, na linha do Mestre.

No Porto, escutámos bem o Papa insistir nos *desafios novos*, a que a Igreja é chamada. Visualizámos um cenário familiar socialmente confuso, com um crescendo de separações. Proliferaram casamentos a prazo. Abusivamente, deram essa designação a um contrato a prazo *contra naturam*. Por outro lado, outras culturas, devido às guerras e à pobreza, pela emigração, vêm ao encontro deste País.

Tem acontecido que as autoridades, como é legal, nos vão confiando várias tutelas de menores, por 3 meses (!) até 1 ano ou à maioridade. Os relatórios sociais, cruzados, são frequentes. Esta *paternidade a prazo* será conveniente, como se exige, até para averiguar bem cada caso e os seus desenvolvimentos, tendo em conta o projecto de vida do menor. Nós preferimos ficar com os *restos* das escolhas. Depois, vem uma pergunta recorrente, de visitantes: — *Será que estes meninos podem ser adoptados?* Atalhamos, logo, que já passaram todos os crivos...

É, também, preciso trabalhar em sintonia com os vestígios das famílias daqueles que nos são confiados, para que não se percama os laços benéficos. Há circunstâncias em que a aproximação não é possível, até por ordem judicial, e pode ser prejudicial. Como aconteceu, no cabo do outro ano, com um Rapazito arisco que chegue; em que não vem dia ao mundo em que ele não (se) desvie qualquer coisa na escola e em casa. No fim de um jantar, uma embalagem de cacau para o pequeno-almoço voou da cozinha para um jardim...

Numa segunda-feira, fomos convocados para mais uma con-

ferência judicial. Desta feita, sobre dois garotos, com a progenitora viúva. Diga-se a verdade que as Meritíssimas foram compreensivas do nosso carisma de serviço, desinteressado, na sociedade. O Estado que nos apraz registar é com certeza aqueles e aquelas pessoas que bem nos servem. Nos corredores dos hospitais, com os nossos e ouvindo tantos *ais*, os resultados são reais. Nos Tribunais, as horas parecem-nos sempre demais. No diálogo, a Juíza tranquilizou-nos: — *Vai sair daqui a dizer bem dos Tribunais...* Quem dera que fosse sempre assim, para os que reclamam justiça para o seu caso.

Na nossa Família, em momentos de *tempestades*, urge dirimir bulhas entre eles. Há dias, o Fábio e o Diogo queriam mesmo medir forças, empertigando-se com razões, por causa da bola...

Sendo chamados à presença das autoridades judiciais, bom seria que as doudas sentenças não penalizassem os filhos da rua, porque os seus *pais*, actuais, não formalizaram acordo estatal. Não podemos trair a Caridade e a Família... Selámos, sim, um contrato de amizade e fidelidade com o Povo, a que pertencemos.

Um século depois, não será muito pedir respeito por aqueles que são *de Deus* e querem cuidar dos frágeis. Há quem, às vezes, se aproprie dos poderes e das leis.

Nas adversidades, Jesus dá-nos firmeza: *nada vos poderá causar dano*. □

ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS GAIATOS DE ÁFRICA

Manuel Fernandes

O NOSSO ENCONTRO — É, África é bonita!... As nossas Casas do Gaiato de Moçambique, Benguela e Malanje são Aldeias lindas. Esta saudade faz com que, todos os anos, os nossos convívios auxiliem as recordações de uma passagem das nossas vidas. As nossas Casas do Gaiato de África, para além da geografia e do tempo, estão dentro do nosso presente, na forma de passado ininterrupto, que ajusta o nosso futuro e nos faz seguir em frente.

A Obra da Rua em África vai crescendo!... Abriu um Lar em Luanda, que vai servir Estudantes e Rapazes em formação profissional. Um dos desejos de Pai Américo era ter um Lar em Luanda, para receber Rapazes que iam para Angola diligenciar e alinhar a sua vida profissional!... o nosso *kota* (mais velho), Padre Telmo, não teve *bufunda* (medo) em agarrar este passo e dar melhor organização para a vida da Casa do Gaiato de Malanje.

O *Património dos Pobres* é uma construção de Pai Américo. Por vezes, esquecemos que as nossas Casas de África também participam neste programa ajudando as populações na construção das suas humildes casas!... Este ano, podemos pensar um pouco neste assunto, já que vamos ter Padre Acílio no nosso convívio. O nosso Encontro efectua-se na casa de praia da Arrábida, em Setúbal, nos dias 4 e 5 de Setembro. O «Falcão» e o Quim Vieira estão à nossa espera. □

ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS GAIATOS E FAMILIARES DO CENTRO

Chiquito-Zé

ENCONTRO/CONVÍVIO ANUAL — É já no próximo domingo, 27 de Junho. Lembramos que, este ano, há eleições para os Corpos Sociais, pelo que solicitamos a presença dos associados o mais cedo possível, até porque temos o dia preenchido. Eis o **Programa**:

- 09h00 — Recepção e pagamento de quotas
- 10h00 — Assembleia Geral
 - Eleições
- 12h30 — Eucaristia (Presidida por D. Albino Cleto – Bispo de Coimbra)
- 14h00 — Almoço
- 15h00 — Sessão solene no Auditório da Câmara Municipal de Miranda do Corvo com intervenção do Dr. Ernesto Candeias Martins.
 - Encerramento das comemorações dos 70 anos da Casa do Gaiato.
 - Encerramento das comemorações dos 25 anos da AAGFC.
- 17h30 — Merenda partilhada.
 - Despedidas

O almoço é oferecido pela Casa devendo, cada um, trazer sumos e fruta/doce para a sobremesa. Não esquecer, também, de trazer merenda para partilhar com os actuais rapazes. Esperamos por todos e tragam mais alguém que precise de transporte. □

ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS GAIATOS E FAMILIARES DO NORTE

Maurício Mendes

ENCONTRO DO DIA DE PAI AMÉRICO — Aproxima-se a passos largos, o dia 18 de Julho, o tão ansiado encontro/convívio anual dos Antigos Gaiatos e Familiares do Norte, em que os filhos se reúnem para homenagear Pai Américo, no dia em que nasceu para o Céu. Somos uma Família grande, mas a presença de todos, fará de nós uma grande Família. Queremos um encontro simples, mas de profundo estreitamento dos laços fraternais entre as várias gerações de gaiatos e suas famílias, estendido a todos os que se sentem ligados à Obra de alma e coração de norte a sul do País e nos honrem com a sua presença, em Paço de Sousa, para viverem um dia intenso de emoções e vivências que avivem o sentimento único de pertença a esta grande Família gaiata e que desta forma singela dão o seu testemunho que a Obra da Rua cumpriu e cumpre o objectivo de Pai Américo «fazer de cada rapaz um Homem». Esperamos que este dia nos transmita algo mais sobre a dimensão da Obra da Rua no seu todo, concretizada por um homem pacífico e revolucionário no seu tempo que trouxe o desassossego aos corações do Povo português e que este correspondeu consagrando-o como santo. Saibamos agora, honrar o legado de Pai Américo, dando o nosso contributo a todos os que têm a dura responsabilidade de manter viva a missão da Obra da Rua.

SEDE — Tem tido muito movimento e animação aos fins-de-semana. Assim, quando leres esta crónica, já terá sido realizado o convívio musical com merenda partilhada no feriado do 10 de Junho. Alguns dos antigos gaiatos quiseram partilhar connosco os seus aniversários, a quem cantámos os parabéns acompanhados pelos alunos da Escola Musical da Associação. Vem também festejar o teu aniversário como já o fizeram, este mês, o Miguel e o «Pauliteiro». Queremos que a sede seja um ponto de encontro e tenha como objectivo estreitar os laços fraternos entre todos os associados. Faz a tua visita, e relembra os teus tempos passados na Casa do Gaiato. Ficamos à tua espera.

LOJA SOCIAL — Vamos criar uma loja de apoio a todos os associados e seus familiares e que ao mesmo tempo, ajudará a Associação. Apelamos a todos os nossos amigos e benfeitores que nos enviem alguns dos objectos seguintes que, embora funcionais, já não tenham outro uso que não seja ocupar espaço nas arrecadações e nas garagens, como sejam todo o tipo de electrodomésticos em 2ª mão, objectos de decoração e têxteis-lar, aspiradores, rádios, televisores, bicicletas, enciclopédias, discos, cassetes, livros, quadros, medalhas, etc. □

MALANJE

Padre Rafael

«Não tenhais medo, Eu estou convosco»

EM pleno dia, a luz não era capaz de acariciar a Terra com nenhum dos seus milhares de raios. A vegetação havia crescido com toda a liberdade concedida pela Mãe Natureza. Apenas poderíamos atravessá-la com catanas bem afiadas, acompanhados por dezenas de sons desconhecidos e, finalmente, chegámos ao pé de uma dessas árvores que tiveram a infelicidade de ficar no caminho do homem.

No ano de 2008, recebemos a notícia. Depois de um processo custoso, foi-nos concedida a possibilidade de explorar uma área de madeira virgem. Junto à nossa petição encontravam-se três empresas. Até este mês, tentámos atrasar a exploração, mas, como era de esperar, tivemos de a começar. Cortar árvores não estava dentro dos nossos projectos, mas a realidade, uma vez mais, disse a última palavra.

Não sabíamos por onde começar, não queríamos prejudicar a floresta. Tão apenas pretendíamos «roubar» à natureza algumas árvores para justificar o início da exploração. Enquanto observava como abríamos alguns caminhos que permitissem a entrada do tractor, imaginei essas gigantescas máquinas que entram nas florestas como térmitas e arrasam tudo. Ver-me participar, ainda que em pequena parte, nesse tipo de coisas não me agrada. Mas também tenho que dizer que, por agora, não

temos outro meio de sustento para a nossa Casa. Certamente que Deus me irá perdoar.

Há muitos dias que trago o camião carregado de madeira para a nossa Aldeia. São muitos os dias que a Casa me vê partir de madrugada e só me vê chegar à noite, pois a floresta encontra-se a 120 quilómetros. São muitas as recomendações que me fazem de como fazer andar a Casa e organizar os Rapazes. São..., são..., são... Quando será que as pessoas serão capazes de apreciar mais as coisas positivas do que as negativas. Ver mais o caminho andado do que o que falta andar. Ver mais e melhor... ou, pelo menos, ver as coisas na sua totalidade.

«Pongo-Love» já saiu da prisão e regressou com um olhar mais humilde, cheio de arrependimento. Junto com ele chega um outro que nos recorda, uma vez mais, a parte triste da nossa Casa. Mas, obviamente, não podemos esconder-lhes o trabalho e o esforço que outros estão a fazer para que esta Casa seja original.

Durante estes meses recebemos ajuda económica das Casas do Gaiato, do Calvário e de alguns amigos da nossa Obra em Espanha. O amor não tem fronteiras, e é na partilha que tem a sua maior expressão. Com este apoio e o nosso trabalho pretendemos continuar neste recanto de Angola. □

«Aqui vai o meu pequeno contributo para O GAIATO. Graças a Deus, mais uma vez, recebi e li o último, sempre em grande velocidade, tal a vontade de escutar tudo o que lá vem. Obrigada pelo esforço de comporem notícias tão cheias de amor por todos. Desejo que tudo aí corra bem, em todos os sentidos, começando pelas pessoas que ajudam e as que são ajudadas. Conheci

o Padre Américo e tenho saudades dele. Ainda bem que sempre vêm algumas das suas palavras. Têm o dom de mexer connosco.

Assinante 4866»

«Junto envio nova assinatura de minha filha. Quando o Senhor me chamar para Si, sempre ficará o nosso O GAIATO na família.

Assinante 59491»

«Envio cheque para a assinatura do 'Famoso', o pequenino grande jornal que leio com devoção e que, há mais de 50 anos, tem inspirado a minha vida espiritual e o caminho para a prática do amor e caridade para com os que mais necessitam. A doutrina do Padre Américo, tocume profundamente. Devo-lhe muito do que sou.

Assinante 17478»

BENGUELA

Padre Manuel António

Sinais ténues do Mundo Novo

ESCUTEI, hoje de manhã, muito cedo, as palavras mais revolucionárias do Evangelho. São a autêntica «carta magna» da felicidade humana. Onde estão? Na página das Bem-aventuranças. São a inversão total dos critérios mundanos, onde nascem, tantas vezes, o sofrimento e a injustiça na sociedade, por causa do egoísmo e da indiferença. Felizes os que têm um coração pobre! Felizes os que repartem do pouco ou do muito que possuem! A generosidade encontra nestes corações o seu campo mais favorável para dar frutos. Estou a lembrar-me daquela viúva que deu do que lhe fazia falta e foi compensada pela alegria da mudança na sua vida. Cresceu a felicidade no seu coração de mulher. Estas verdades são entendidas somente por quem as experimenta.

Há dias, à hora do almoço, com o refeitório cheio de bocas a mastigar a comida, um casal apareceu à janela. Veio entregar-nos um cheque. Notei a paz e a alegria espelhadas nos seus rostos. Era o fruto dum trabalho que podia aumentar os seus lucros. O seu coração disse-lhes que deviam partilhar com os mais pobres, assim confessaram. Mostrei-lhes o destino da sua oferta. Estava bem patente, diante dos seus olhos. Foram-se, contentes e felizes. Experimentaram a verdade das palavras acima referidas. São multidão nos cantinhos do mundo inteiro. Por isso, a esperança dum mundo novo está sempre viva.

Aquela mãe veio a chorar, porque ia ficar na rua com os seus filhos. O dono do terreno, onde tinha

a sua cubata, chegou do mato e precisa do lugar ou do dinheiro. A mulher não tem nada! Os filhos são a única riqueza da sua vida. Para a rua não pode ir. Partilhamos com ela os dons que são depositados em nossas mãos. O seu coração de mulher e mãe abandonada transformou-se. Cantou e chorou de alegria, muito ao seu jeito.

Sinais muito ténues do mundo novo que ainda vem longe, como o ideal que nos consome e queima as vidas dos corações pobres, tendo muito ou pouco.

Continuamos aflitos com a falta de emprego para um grupo de rapazes mais velhos. Vamos insistir, dentro do tema central destas notas: A partilha. A nível das empresas, uma forma muito nobre de nos ajudar, é o emprego para estes filhos, quando chegam à idade do salto para a sua autonomia.

A aflição cresce, na medida em que um número grande de pequenos aguarda a hora da entrada em nossa Casa. Não podemos nem queremos ser um armazém de crianças. Por isso, é urgente a saída natural dos mais velhos. O emprego, porém, é a condição fundamental para a sua autonomia com dignidade.

O número de crianças, lá fora, que necessitam de apoio, vai aumentando. Os pedidos de entrada continuam. Continuamos a esperar.

Temos lugar para um tractor novo, mas ainda não bateu à nossa porta. Sabemos onde está, mas faltam-nos as forças para o puxar até aos nossos campos. Não perdemos a esperança. □

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Padre Acílio

Continuação da página 1

* * *

Não percebo também, como é que, num ano de tanta água, a energia tenha sido aumentada!... Quando há anos, por não chover, a aumentaram e nunca desceram!

Paguei 299,52 euros. Valha-nos que, nesse dia, lhes ligaram a corrente.

Quando, ao início da noite, com os rapazes, lhes levei uma mobília completa de quarto para os pais, a alegria das crianças, a rebolarem-se por cima de uns sofás velhos, por verem as luzes acesas, e uma minúscula televisão, achada no lixo, era indescritível.

No dia seguinte, fui com eles à agência bancária falar com o Gerente. Homem sabedor, compreensivo e simpático. Pus em dia as prestações da casa: — Dois mil trezentos e trinta e três euros e oitenta cêntimos.

Comprometeram-se a não deixarem mais de pagar, mensalmente, a sua casa.

Passados dias voltaram, de novo, com uma carrinha emprestada, buscar uma pequena arca congeladora.

Ela pediu-me muito que lhe arranjasse trabalho, ganhasse o que ganhasse!... Mas como, e onde? Ela mora na Camarinha. Não há por ali ninguém que precise de uma mulher a dias? Pareceu-me competente e séria.

Aquela grávida, de saia comprida, que não atendi, como lamentei no último Património, voltou de novo. Apesar de os sacudir, os pobres continuam a confiar e a dar-me lições de humildade!... Como me edificam!

Tive de ir a sua casa. — *Venha padre, venha ver a minha casa!*

Eles sentem que, se eu for ver, têm a vitória ganha.

Ela, vai ter o quarto filho.

Passei pelo Jumbo, e paguei-lhe duas embalagens de fraldas para o menino mais novo e duas para o que nascerá brevemente, com as respectivas toalhetes — e um frango assado para o jantar.

O rés-do-chão onde moram, tem a porta de entrada com dois buracos enormes!... O debaixo à altura de um metro, tem o diâmetro de quarenta centímetros, aproximadamente. O de cima, uns vinte. Estavam tapados com papel azul.

Cozinhavam num minúsculo fogão de acampar e dormiam em colchões de casal, elevados sobre tijolos, nos dois quartos. Serviam-se de uma única torneira da casa de banho onde iam buscar água para todo o serviço.

Não havia lava-loiça, nem torneiras, nem esquentador, nem fogão, nem frigorífico, apenas uma mesa de madeira rectangular e robusta, alguns

armários sem portas e, na casa de banho, a referida torneira. Por dentro não havia portas. Uma cadeira de plástico, riscada e suja, trazida do lixo, era o único assento da família usado apenas pela mãe grávida.

Naturalmente, o leitor nem acredita!

Comprei frigorífico, fogão e esquentador.

O «Paizinho», que não trabalha ao Domingo, ofereceu-se para montar os aparelhos e as misturadoras. Comprou bilha de gás, redutor, mangueira, abraçadeiras e viu-se aflito, por ser Domingo, para encontrar outros acessórios das canalizações.

Passou lá, todo o santo Domingo até às tantas da noite.

Quando regressou, vinha exultante: — *Senhor Padre Acílio, foi muito bom, foi muito bom*, (era o bom interior que ele sentia, de ter feito o bem). *Se visse a alegria das criancinhas quando o esquentador acendeu e apalparam água quente na casa de banho!... Queriam logo tomar banho!*

— *Os vizinhos queriam todos ver. Amanhã, vai ter aí uma multidão* — ameaçava o «Paizinho».

— Deixa vir — respondi eu. — A gente vai pôr aquela casa em ordem, só depois nos prenderemos a outra.

— *Tenho aqui, cadeiras enferrujadas no sótão. O homem vai limpá-las e cobri-las de tinta. Iremos arranjar portas e colocá-las. A casa há-de ser pintada pelo pai de família que nós fornecer-lhe-emos a tinta. Levar-lhe-emos mobília de quarto para os pais e umas secretárias pequeninas para as meninas fazerem os seus trabalhos da escola.*

Mais ajudas, e grandes, me dispense de relatar para não ocupar todo o Jornal.

Não me deixes sozinho!... □

DA NOSSA VIDA

Padre Júlio

É a primeira vez que tal me sucede: ter um dos Rapazes, estudante, como o melhor da sua turma.

À partida, seria caso para ficar contente e, até, orgulhoso por tal êxito. Mas, bem vistas as coisas, os resultados, ao contrário do que se poderia pensar, não são brilhantes. Com uma negativa e uma média que anda entre o 3 e o 4, sem nenhuma nota máxima, deixa-nos satisfeitos, mas não exuberantes.

É uma situação que faz pensar...

Não estamos em terra de cegos, onde quem tendo um olho seria rei; também não vemos que existam carências básicas, com reflexo no aproveitamento escolar dos alunos; então porquê o mais alto ser mediano?

De há alguns anos para cá, a mentalidade dominante, anda a puxar para baixo. Este caso, sem se pretender que o demonstre, é sintomático disso.

Isto preocupa. Se quem pelas circunstâncias da vida já está por baixo, levado por esta atracção, onde irá parar?

No contacto permanente com a vida escolar, venho constando que este meio fundamental para a formação humana, ao contrário do que é a sua razão de ser, está gerando pobres. Na hora de sair do percurso escolar, muitos, ainda que tragam um nível escolar, trazem o ferrete da incapacidade para um trabalho correspondente a esse nível.

Noutros tempos puxava-se para cima, porque exigir era normal. Nestes actuais, a exigência só se coloca na hora de discriminar. Só progride quem é exigente consigo mesmo ou tem alguém que não embarca na moda e puxa para cima.

A necessidade aguça o engenho, e é em épocas tais que se dão os maiores impulsos ao progresso humano, creio. Não havendo um objectivo a alcançar dá-se o relaxe e avança-se para a degradação que culmina na pobreza.

Isto preocupa. Tanto mais com os nossos, a precisarem de se promover, que se enredados nesta teia degradante, mais dificilmente se libertarão.

As causas de tropeço são muitas. São as ilusões e a mentira quais forças de atracção em que caem os incautos.

Já não basta saber pescar, ainda que possuidor de carta de pescador, é preciso estar preparado para procurar outros mares quando os mais à mão se esgotam. □

CALVÁRIO

Padre Baptista

O pássaro e a Carmo

HÁ dias, coloquei um faisão dourado na gaiola das rolas brancas. Um vendaval invadiu aquele recinto durante alguns momentos. As rolas esvoaçaram espavoridas com a entrada do pássaro estranho e, este, amedrontado, refugiou-se no alto da gaiola. A tempestade acalmou-se lentamente, espalhando-se penas por todo o recinto.

Ontem, dei com o faisão lado-a-lado com as rolas, debicando na farinha. Não havia o mais pequeno sinal de estranheza. Tudo estava calmo.

De vez em quando chega ao Calvário um doente. A reacção é semelhante, só que de sinal contrário, com alegria e contentamento.

Todos dão as boas vindas a quem entra de novo. E chovem perguntas: Como te chamas? Onde és? E todos dão o seu nome, para que se conheçam. Todos disputam a sua presença: — Vais ficar a meu lado. — Foi assim com a Carmo.

Esta abertura aos outros gera comunhão. E esta, por sua vez, cria o clima familiar. São os dois pressupostos para que haja família. Nela ninguém é ignorado.

Ninguém é mais do que os outros. Ninguém tem que se afirmar. Conhecem-se, entretajam-se, são amigos. Os problemas de uns são os problemas de todos. As alegrias e as tristezas são partilhadas. Preocupam-se uns com os outros. Há verdadeira comunhão onde todos dão e todos recebem.

— Ai que a Alice tropeçou e caiu! Venham ajudar a levantá-la — ouvi esta aflição há momentos.

Alguém que entra nesta família não é visto, pois, como intrometido ou peso, mas mais-valia para todos.

A Carmo, limitada fisicamente mas muito lúcida, chegou. E pouco-a-pouco foi dando algo aos outros — alegria, partilha, amor pelo belo. Gosta de passear pela quinta e leva os demais a apreciarem isto por aqui.

— Ai!, aquele tapete de musgo tão macio; apetecia-me rebolar nele. Não. Vamos limpar o lago dos patos, para melhor se verem os peixes.

A abertura e a comunhão fazem brotar o amor e este é o fundamento de toda a família. □

PENSAMENTO

Pai Américo

A autoridade nunca foi nem jamais há-de ser boa educadora, por todas as razões e mais ainda pelo perigo permanente de resvalar para o autoritarismo. Não pode ser boa educadora. Só quem ama. Só pelo amor. Só por uma identificação persistente e dolorosa com o próprio educando. □